



Para que servem os indicadores de sustentabilidade?

Em tempos de transparência radical, considerada uma das 10 tendências-chave da sustentabilidade para a próxima década, sinalizar de forma clara e objetiva o desempenho corporativo em responsabilidade socioambiental é uma decisão impreterível. Tão importante quanto sistematizar sua medição é acompanhar o maior ou menor alinhamento das políticas sustentáveis da empresa com as expectativas e percepções dos *stakeholders*. Não surpreende, então, que, à medida que a sustentabilidade vai amadurecendo como integrante central da vida corporativa, surjam dezenas de indicadores visando apontar o estágio no qual se encontram as empresas. Mas até que ponto as organizações conseguem incorporar e fazer uso desses instrumentos nas decisões corporativas?

avaliou 108 instrumentos que ajudam a avaliar a performance em sustentabilidade no mundo. Um número impressionante, por si só: afinal, dez anos atrás, existiam somente 21 deles. Os indicadores disponíveis são dos tipos mais variados: desde o pioneiro *Índice de Sustentabilidade Dow Jones* até os de manejo de emissões de carbono, como o *Carbon Disclosure Project*, ou de identificação da governança socioambiental, como os do **Instituto Ethos** e da **Global Reporting Initiative** (GRI), passando por medidas mais setoriais, de acesso a medicamentos, por exemplo, desenvolvidas pela **Access to Medicine Foundation** e incluindo instrumentos mais abrangentes, como o *ranking* das empresas mais admiradas da revista *Fortune*, dentre muitos outros. Por outro lado, sabemos que

o paradoxo de nos defrontarmos com um quadro de grande oferta, mas baixa demanda, em algo tão estratégico como diagnosticar o cenário de atuação?

Visando responder a essa e outras perguntas-chave, consultamos 850 *stakeholders* com experiência na área de sustentabilidade em 70 países. A primeira surpresa é que, apesar de envolvidos no seu dia a dia com temas e políticas de sustentabilidade empresarial, o grau de conhecimento dos indicadores de sustentabilidade se revelou bastante restrito.² Dentre os indicadores avaliados, somente três são conhecidos por pelo menos metade dos especialistas: o *Índice Dow Jones de Sustentabilidade* (primeiro desenvolvido), o *Carbon Disclosure Project* (um projeto que auxilia cidades e empresas a diagnosticar seu estágio ambiental e construir políticas de adaptação às mudanças climáticas) e o *FTSE4Good Index* (que mensura o desempenho de empresas em termos dos padrões mundiais de responsabilidade corporativa). São esses também os instrumentos que maior credibilidade possuem entre os *experts* da área, sendo o de manejo de carbono o que obtém maior legitimidade entre esse público: 65% dos gestores confiam nessa ferramenta.

Mas nem todos são tidos como críveis pelos *stakeholders*, e uma forma de entender essa percepção é por meio das instituições por trás desses indicadores. Os índices desenvolvidos por ONGs são os que obtêm maior credibilidade entre especialistas, como, por exemplo, o *Guia de Eletrônicos Verdes*, produzido pelo



Ferramentas para mensurar — e também informar — o desempenho das empresas em termos de sustentabilidade parecem não faltar. Um levantamento realizado pela **SustainAbility** em conjunto com a rede **GlobeScan** de institutos de pesquisas, representada pela **Market Analysis** no Brasil,

apenas uma minoria do universo empresarial brasileiro se preocupa e consegue mensurar a percepção e o retorno dessas ações junto a seus *stakeholders* para embasar ações futuras.¹ Como entender

1 "A hora de escutar os stakeholders", Revista Ideia Sustentável, setembro 2012.

2 Pesquisa "Rate the Raters 2012 – Polling the Experts" realizado pela SustainAbility e GlobeScan.

Greenpeace. Na segunda posição estão os *rankings*, como o *Monitor de Sustentabilidade Corporativa* desenvolvido pelo instituto Market Analysis desde meados dos anos 2000, que apresenta as 10 melhores e piores empresas em sustentabilidade no Brasil. Indicadores formados por empregados de empresas também conquistam credibilidade, a exemplo do *ranking* de melhores empresas para se trabalhar desenvolvido pela **Great Place to Work**. E as medidas construídas por investidores e analistas, tais como o *Índice de Sustentabilidade Empresarial* desenvolvido pela **Bovespa**, também inspiram confiança de um em cada três gestores. Indicadores formados por consumidores, jornalistas e pelo governo são os que obtêm a menor confiança.

Ainda que se tenha disponível uma grande variedade de instrumentos, tanto do tipo genérico quanto daqueles direcionados para setores da economia e aspectos específicos, o uso dessas ferramentas de avaliação e monitoramento é bastante restrito pelos gestores. Com efeito, um em cada três especialistas não acessa esse tipo de informação mais de uma vez por ano, e somente um em cada quatro utiliza mensalmente essas referências para seu trabalho. Na maioria das vezes, os indicadores são utilizados para ganhar inteligência para a empresa no desenvolvimento de políticas de sustentabilidade ou para buscar referências de *benchmark*. Por outro lado, um terço dos *stakeholders* ignora métricas e parâmetros de atuação para a tomada de decisões, e outros quase 30% só os consultam uma vez por ano. Surpreende, então, que os gestores encontrem dificuldades para saber onde estão parados?

Diante da multiplicidade de opções e da maior legitimidade que os indicadores



vêm alcançando como ferramentas de avaliação e monitoramento, não há como supor que a baixa adoção desse tipo de referência seja fruto da escassez de meios de informação corporativa. Por outro lado, essa mesma diversidade e crescimento exponencial refletem o interesse e até a pressão da demanda por contar com formas práticas de diagnosticar e orientar as ações corporativas. Como entender, então, esse pendor pelo risco de caminhar às cegas na gestão da atuação sustentável de tantas empresas?

A tentação de lançar mão de respostas que contenham racionalizações de todo tipo é muito grande. “É porque os gestores de sustentabilidade carecem de tempo e recursos humanos.” Sabemos que esse problema existe. “É porque os gestores ainda desempenham um papel periférico nas grandes organizações.” Infelizmente é verdade, na maioria das corporações. Contudo, outra resposta parece mais potável, desta vez em formato de pergunta e sem aspirar justificar as escolhas, logicamente: “Por que deveria ser diferente?” Afinal, sabemos, por exemplo, das ameaças das mudanças climáticas, suas causas e consequências, mas a vasta maioria dos governos, sociedades e empresas não consegue

agir diferente, nem sequer cumprir com os compromissos assumidos. A inércia pode, em definitivo, ser ubíqua.

Podemos superar essa inércia? É o que a história dos grandes escândalos corporativos em sustentabilidade dos últimos anos

nos aconselha. A BP afundou sua imagem no acidente do Golfo do México por ignorar a informação de indicadores de performance. O Walmart submete-se a um novo questionamento ético após ter negligenciado seus próprios parâmetros de governança anticorrupção no México. A Nestlé ficou exposta por desatender referências internas de sustentabilidade na sua cadeia de valor ao comprar matéria-prima vinda de regiões de desmatamento ilegal na Indonésia. Em todos os casos, ferramentas indicativas e operacionais existiam, a informação circulava de maneira livre e formal, gestores operavam políticas corporativas calcadas em princípios sustentáveis, mas a inércia primou. O custo em receita, reputação e talentos perdidos pode até ser incalculável, mas a admissão desses prejuízos parece representar motivo suficiente para reconhecer o papel vital das métricas indicativas da posição de toda empresa diante do desafio da sustentabilidade.

Fabián Echegaray é Ph.D em Ciência Política pela Universidade de Connecticut (EUA) e diretor-geral da Market Analysis, instituto de pesquisas especializado em sustentabilidade e responsabilidade social.

